

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Faculdade de Ciências Humanas
Curso de Graduação em Filosofia
Ilker Luiz Alves Batista

**A Natureza da Mente: considerações a partir do naturalismo biológico de
John R. Searle**

Campo Grande – MS

2024

Ilker Luiz Alves Batista

**A Natureza da Mente: considerações a partir do naturalismo biológico de
John R. Searle**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, apresentado como pré-requisito para aprovação no Curso de Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientador: Me. Ronaldo José Moraca

Campo Grande – MS

2024

Resumo

O objetivo desta pesquisa é apresentar considerações acerca da teoria do naturalismo biológico do filósofo contemporâneo, John R. Searle, iremos discorrer como a consciência, nessa perspectiva, pode ser considerada como o estado mental fundamental. Pretendemos apresentar qual o papel que a mente desempenha no sistema biológico, bem como a compreensão da natureza da mente humana em sua teoria. Partiremos das teses expostas por ele, em seus livros: O Mistério da Consciência; Mente, Cérebro e Ciência e o livro A Redescoberta da Mente, acerca da centralidade da consciência e de seus estados, para a compreensão da natureza da mente humana e do problema da relação entre mente e cérebro.

PALAVRAS-CHAVE: Mente. Consciência. Sistema biológico. Jonh R. Searle.

Summary

The objective of this research is to present considerations about the theory of biological naturalism of the contemporary philosopher, John R. Searle. We will discuss how consciousness, from this perspective, can be considered as the fundamental mental state. We intend to present the role that the mind plays in the biological system, as well as understanding the nature of the human mind in its theory. We will start from the theses exposed by him in his books: The Mystery of Consciousness; Mind, Brain and Science and the book The Rediscovery of the Mind, about the centrality of consciousness and its states, for understanding the nature of the human mind and the problem of the relationship between mind and brain.

KEYWORDS: Mind. Conscience. Biological system. John R. Searle.

Sumario

1	Introdução.....	05
2	Problema filosófico da natureza da mente humana.....	07
3	Conceitos de Dualismo e Monismo.....	09
3.1	Problema do entendimento conceitual dos termos utilizados na investigação apontados por Searle.....	09
3.2	Dualismo Substancial.....	10
3.3	Monismo.....	14
4	A Consciência e seu papel na teoria de Searle.....	21
5	A Crítica de Searle à Mecânica da Consciência de Dennett.....	32
6	Considerações finais.....	44
7	Referências bibliográficas.....	46

1. Introdução

O presente trabalho foi elaborado a partir de estudos e análises acerca das teses de John R. Searle sobre a consciência, mais especificamente acerca da proposta teórica de naturalismo biológico, e também o porquê a consciência pode ser considerada como estado mental fundamental, nesse sentido dentre vários textos de apoio nos debruçaremos, especialmente nos livros “O Mistério da Consciência”, “Mente, Cérebro e Ciência” e “A Redescoberta da Mente”.

Queremos refletir sob perspectiva filosófica como a estrutura natural do corpo humano e a atividade do cérebro são importantes para entender como pensamos e especialmente como a mente nos tornam conscientes.

Tal reflexão se faz necessária devido ao avanço exponencial neurocientífico e de estudos sobre a mente, com objetivo de contribuir com intervenções para o real problema mente e cérebro, a fim de se entender com maior profundidade os fundamentos teóricos que embasam a proposta da mente sob uma perspectiva biológica.

Ressaltamos ainda que este trabalho visa compreender os fundamentos teóricos propostos por John R. Searle, propostos por ele como possíveis soluções na natureza da mente humana a partir de uma perspectiva biológica naturalista.

A intersecção entre neurociência e filosofia se torna cada vez mais relevante devido ao avanço da inteligência artificial, como também o crescente aumento favorável às teorias de sistemas mecânicos de consciência, como é o caso da Inteligência Artificial Forte proposta por Daniel Dennett (1998), interpretação antagônica à de John R. Searle.

Desejamos dessa forma, indicar como a filosofia da mente está em conformidade com os padrões de cientificidade contemporânea, neste caso, os avanços em sistemas mecânicos de consciência como as inteligências artificiais. Desse modo, pretendemos especificamente observar os argumentos postos por John R. Searle (1998), destacando a consciência como constituição própria elementar do ser como humano, bem como a explicação e defesa do sistema biológico de consciência, expondo as críticas segundo John R. Searle ao modelo proposto por Daniel Dennett (1998) da explicação mecânica da consciência.

John R. Searle apontará elementos fundamentais para discussão indicando a tese do naturalismo biológico como possível resposta à problemática mente e cérebro. Primeiro, prosseguiremos à apresentação geral e fundamentação teórica da problemática mente e cérebro, diante da proposta da natureza da mente humana ser um elemento filosófico.

A seguir, John R. Searle assinalará que muito dos equívocos de entendimento acerca da mente e cérebro advêm das definições usualmente empregadas de forma errada, por esse motivo investigaremos a priori acerca do dualismo, do monismo, no que tange mente cérebro explicando-os sucintamente, o que garantirá melhor compreensão dos termos e entendimento para prosseguir com a leitura deste trabalho.

Superada tal etapa, seguiremos a entender o papel que a consciência ocupa na teoria de John R. Searle, em defesa do naturalismo biológico e por que ele indicará como a tese com melhor solidez para explicar o problema mente cérebro no sistema biológico de consciência.

E na sequência, analisaremos alguns dos argumentos defendidos por Daniel Dennett que será objeto de crítica por John R. Searle à proposta de explicação mecânica da consciência. Em todo trabalho será proeminente que a mente humana é mais bem explicada segundo a tese do naturalismo biológico e, por esta tese ser mais adequada ao problema proposto é que foi realizada a escolha do autor que segue vivo no presente ano de 2024, é contemporâneo, compreende os avanços tecnológicos que presenciamos atualmente e continua a produzir relevante material na área de filosofia da mente.

Este trabalho visa exatamente apresentar os argumentos de John R. Searle em defesa da subjetividade da mente humana como sistema natural e biológico, observando alicerces teóricos de sua teoria conhecida como naturalismo biológico.

Aspiramos não só agregar conhecimento ao debate acadêmico, como também trazer luz filosófica sobre o problema à natureza complexa da mente humana, promovendo um diálogo frutífero entre as duas esferas aparentemente distintas, mas intrinsecamente conectadas pela função biológica como aponta John R. Searle, é, portanto, o trajeto investigativo em que se dará todo o trabalho.

2. Problema filosófico da natureza da mente humana

Nesse tópico buscaremos entender como se forma o problema filosófico na compreensão da natureza da mente humana, bem como a relação entre mente-cérebro e suas definições, pois ao se buscar compreender a natureza da mente humana fica evidente ainda o estabelecimento da consciência, percebeu-se que a compreensão da natureza da mente humana merece ser encarada como um elemento filosófico, de igual modo faz-se possível observar também a relação humana com o Universo que o cerca, bem como a epistemologia criada para tal discernimento. Assim, a centralidade do problema na compreensão da natureza da mente e cérebro tornou-se objeto de interpretação e debates científicos. Veremos então como John R. Searle oferece uma proposta e possível solução do problema mente e cérebro.

Ainda nesse ínterim, é importante entender que para John R. Searle a consciência tem causa devido ao comportamento de microelementos do sistema nervoso e que passa a ser percebida por sua própria estrutura, contudo, esta não pode ser redutível a propriedades biológicas por possuir uma ontologia subjetiva e de primeira pessoa.

Ele se oferece para apresentar o entendimento de que a possível solução ao problema mente-cérebro é que devemos situar a consciência, a mente na perspectiva científica, aclarando ser ela um fenômeno biológico natural como qualquer outro. Dois são os posicionamentos no entendimento de John R. Searle, sendo o primeiro, que os estados mentais podem ser um fenômeno biologicamente natural, assim, o órgão físico biológico cérebro é capaz de produzir a mente, e o segundo é mostrar de que maneira essa mente, biológica emergente, pode exercer influência causal no mundo em geral.

Assim, vamos desvendar o que John R. Searle compreende por mente, como ela opera, como se dá a interação entre mente e cérebro, e como a mente pode exercer sua influência no mundo físico. Estes pontos são essenciais para guiar nossa jornada ao longo desta pesquisa, pois o cerne da dificuldade em definir cientificamente a consciência reside nessa aparente divisão entre nossa experiência pessoal, ou seja, nossa experiência subjetiva, a visão em primeira pessoa e a abordagem objetiva pretendida pelas ciências, a visão em terceira pessoa.

John R. Searle sustenta a crença de que é possível explicar a mente diante do paradigma científico, pois apesar dos aparentes desafios ele demonstra grande otimismo em

relação à ciência, instruindo-nos pela razão a tê-la como ferramenta epistemológica mais apropriada.

De igual modo, ancorados na cosmovisão atual, quaisquer que sejam as teorias científicas que busquem compreender ou apontar possíveis respostas ao problema, mente-cérebro, devem necessariamente levar em consideração pelo menos estas duas principais teorias científicas da atualidade que são: 1 - A teoria atômica da matéria: nesta é sugerido que toda matéria é feita de partículas minúsculas chamadas átomos e campos de força. 2 - A teoria da evolução das espécies por seleção natural, que busca explicar o caminho evolutivo de toda vida, mais especificamente importante nesta chave de pesquisa, das espécies de animais e esta, seres humanos, que de fato passaram por um processo lento e gradual de mudança ao longo do tempo.

Resta, claro, que presenciamos nos últimos anos uma nítida e importante busca por conhecimentos no interior das ciências que investigam os desenvolvimento e processos cerebrais tais como: comportamentos de microelementos no sistema nervoso, células nervosas, neurônios entre outros que por ele percebidos ativam o órgão cérebro, o sustentam e dão causa à consciência.

Logo, com o desejo de buscar uma solução que melhor se adeque ao problema mente-cérebro, é que se merece analisar a questão, pois, segundo John R. Searle há muitas interpretações e inconsistências conceituais que só atrapalham a compreensão mais equilibrada e o entendimento correto deste problema.

Dentre tantas interpretações acerca do tema mente cérebro, é que no próximo tópico serão expostos como estão apregoadas algumas das principais convicções acerca de Dualismo e Monismo, bem como suas subdivisões que auxiliarão no entendimento de todo este trabalho, por também serem consideradas como termos e conceitos com uso inapropriados pela tradição segundo o seu entendimento.

3. Conceitos de Dualismo e Monismo

Como já apresentado no tópico anterior, John R. Searle enfatiza que há muitas interpretações e inconsistências conceituais que só atrapalham a compreensão mais equilibrada e o entendimento correto deste problema na compreensão da natureza da mente humana, como exemplo são um conjunto de categorias obsoletas e também um grande número de pressuposições herdadas da tradição religiosa e filosófica que se tornam em um obstáculo filosófico para uma explicação satisfatória da consciência, por tal motivo nesse tópico será apresentado como ele passa a explicar tais termos e suas subdivisões mais comuns.

3.1 Problema do entendimento conceitual dos termos utilizados na investigação apontados por Searle:

É de suma importância compreender bem as definições de um determinado objeto a ser estudado, pois ao não se compreender bem um termo específico e seu significado, resultará que seja prejudicado entendimento toda investigação científica advinda deste, visto que não entender corretamente tais termos serão um fator delimitante e impeditivo à clareza e análise por parte do investigador.

Nesse sentido John R. Searle tem corroborado seu pensamento também em Kuhn:

O caráter distintivo da mudança revolucionária na linguagem é que ela não altera apenas os critérios pelos quais os termos se ligam à natureza, mas também, por extensão, o conjunto de objetos ou situações a que esses termos se ligam (Kuhn, 1981, a, p.42).

Vemos, portanto, que há uma importante questão quanto à natureza do “significado”, de igual modo os termos devem ser utilizados e expressos corretamente, o que não tem sido comum na área da filosofia da mente, ao contrário há uma miscelânea de termos e significados distorcidos, o que é um grande problema, pois se determinado termo não é aplicado corretamente, logo, o objeto de estudo não será compreendido, é o que segue a explicar Kuhn:

As palavras, com ocasionais exceções, não auferem significados individualmente, mas apenas por meio de suas associações com outras palavras no interior de um campo semântico. Se o uso de um termo individual muda, então o uso dos termos associados a ele normalmente muda também. [...] Saber o que uma palavra significa é saber como usá-la

para fins de comunicação com outros membros da comunidade linguística na qual essa palavra é coerente (Kuhn, 1989, a, 82).

Compreender o uso correto de cada termo em uma investigação científica está fortemente relacionado à ideia de significado. Essa compreensão do critério adequado permite um acesso mais efetivo ao conhecimento e aos processos mentais relacionados ao tema.

Por isso, nesse tópico passaremos a expor dois entendimentos principais que se destacam em torno do debate entre físico e mental: o “dualismo” e o “monismo”, ambos se colidem com o pensamento de John R. Searle.

3.2 Dualismo Substancial

No dualismo tem-se a concepção da existência de dois princípios, uma realidade composta por duas substâncias, que são irreduzivelmente opostas entre si, pois, nesta corrente teórica resta impossível que tais constituam uma síntese.

A exemplo, podemos citar algumas características do dualismo, as quais seriam: contraste entre a matéria e o espírito, esta diferenciação entre o cérebro e a mente, a divisão entre o material percebido pelos sentidos e o imaterial concebido pela mente, a discrepância entre a existência e a essência; a contraposição entre a matéria e a forma. É necessário, pois, compreender que há subdivisões no interior destas duas principais categorias, dualismo e monismo.

Aponta Churchland¹ (2004)² que o dualismo de substância é muito atraente, visto que oferece a possibilidade de continuidade da mente mesmo após o findar da matéria, feito tal conceituação, avancemos ao dualismo de propriedade.

¹ Churchland, Paul. M. **Matéria e Consciência: Uma introdução contemporânea à filosofia da mente**. Trad. Cescato. Maria Clara. 1ª Ed. São Paulo: Unesp, 2004.

² Churchland descreve da seguinte maneira o porquê da aceitação a esta forma de dualismo “Essa concepção será atraente a muitos, por outra razão: a de que ela pelo menos mantém a possibilidade de que a mente possa sobreviver à morte do corpo (embora, sem dúvida, não o garanta). Ela não garante a sobrevivência da mente porque, ainda assim, é possível que a forma peculiar de energia que estamos supondo constituir uma mente seja produzida e sustentada unicamente em conjunção com a forma altamente complexa de matéria que chamamos de cérebro, e que, portanto, ela também se desintegre quando o cérebro se desintegra.” Logo, tal ideia parece ser demasiada atraente a inúmeras pessoas pelo simples fato de que esta mantém a possibilidade de que a mente continue existindo após a morte do corpo físico, contudo não é garantido tal fato. Isso porque pode ser que a mente venha depender do cérebro para continuar a existir. Bem, se assim o for, então quando o cérebro se desintegrar, logo nossa mente também pode se desintegrar. Mesmo sendo ideia interessante, não é certo que a mente sobreviva após a morte física do corpo.

Sobre o *dualismo de propriedade* explicado por Bartoszeck³ (2007), podemos inferir que, não precisamos inventar uma nova substância além do cérebro. O cérebro, por si só, tem características especiais que o distinguem de todos os outros objetos físicos, assim tais características especiais são coisas experienciais como a experiência de cor, a capacidade consciente de pensar em algo e assim por diante, tais características "não físicas" não podem ser explicadas apenas pelos conceitos tradicionais da física, para tal compreensão é exigido um campo de estudo separado, uma ciência dedicada aos fenômenos mentais.

Ao investigar com maior profundidade o dualismo das propriedades, nota-se que existem diferentes ideias sobre o dualismo das propriedades, porém traremos aqui de uma delas, o epifenomenalismo, que nesta chave de pensamento pode ser inferido como: estados mentais não diretamente relacionados aos processos físicos no cérebro, antes porém estados que estão de certa forma "acima" de conexões físicas do cérebro, em que necessariamente há a condição dos estados mentais só poderem ocorrer quando o cérebro atinge um certo nível de complexidade.

Uma vez entendido o conceito de epifenomenalismo acima, tem-se que os epifenomenalistas argumentam que não há uma conexão direta na relação entre os eventos físicos e mentais. Afirmam que a ideia de que nossos desejos, vontades e aspirações são primeiro experimentados nos estados mentais e depois se manifestam nos eventos físicos.

Aqui "mental e físico", podem ser de duas espécies de propriedades, ou até mesmo de características da mesma substância, há a possibilidade real de uma substância poder possuir propriedades híbridas conjuntamente, nesse sentido esclarece John R. Searle em "*O mistério da consciência*":

A consciência não aparenta ser "física" no sentido que afirmamos serem físicas as outras propriedades do cérebro, tais como as descargas neuronais. Nem parece ser redutível à processos físicos através das formas usuais de análises científicas que funcionam para propriedades físicas como o calor e a solidez. Muitos filósofos acreditam que, se você conferir real existência à consciência, isso o forçará a adotar alguma versão de "dualismo", ou seja, a visão de que há duas espécies metafisicamente diferentes de fenômenos no universo: o mental e o físico (Searle, 1998, p.24).

³ Bartoszeck, Flávio Kulevicz. Tipos de Dualismo na Filosofia da Mente. **Rede Psi**. 2006, Disponível em: <https://www.redepsi.com.br/2007/06/08/tipos-de-dualismo-na-filosofia-da-mente>. Acesso em: 29 de mar. de 2024.

Uma vez cientes da orientação de John R. Searle, podemos inferir que nossa consciência não é apenas uma substância física, ao contrário, para ele, nossa consciência é diferente do que se apregoa no dualismo de substância e no dualismo de propriedade, é o que segue no entendimento de outro pesquisador na área de filosófica da mente Iskandar⁴ (2002), afirma em “Influências do dualismo cartesiano e do materialismo na educação tecnicista brasileira: uma abordagem a partir da filosofia da mente de John Searle”, que no caso dualismo de substância: é postulado a existência de duas substâncias distintas no mundo, sendo elas: em primeiro lugar a substância material (ou física) e em segundo lugar a substância imaterial (ou mental).

Nessa perspectiva, é possível inferir que a mente e o cérebro são entidades separadas e distintas, contudo estas interagem entre si, possuindo cada uma destas, sua própria natureza e propriedades. Ainda no seu entender, é possível configurar a existência de duas categorias distintas de propriedades no mundo que nos cerca, são elas: 1º) Propriedades físicas e 2º) Propriedades mentais.

Logo, com esta lente, tais propriedades mentais não poderiam ser reduzidas às propriedades físicas, e conseqüentemente, por tal motivo é que a mente e o cérebro são entidades separadas e distintas uma da outra. Ainda nesse ponto há que se destacar que tal posicionamento se contrasta demasiadamente com o fisicalismo, uma que este segundo afirma que todas as propriedades mentais poderiam ser reduzidas a propriedades físicas.

Uma vez aclarado tais conceitos sobre dualismo de substância e dualismo de propriedades, avancemos para compreensão do conceito de dualismo conceitual.

No *Dualismo conceitual*, por outro lado, entende existir dois tipos diferentes de conceitos: conceitos subjetivos e conceitos objetivos. Neste caso é posto que os conceitos subjetivos referem-se às experiências pessoais e subjetivas, já os conceitos objetivos a fatos objetivos e observáveis. Contudo, John R. Searle abertamente recusa o dualismo conceitual e sustenta a tese com uma linguagem que aponta melhor descrever a natureza da mente, a tese do naturalismo biológico, que será melhor explicada mais a frente.

⁴ Iskandar, Jamil Ibrahim; CANDIOTTO, Kleber B.. Influências do dualismo cartesiano e do materialismo na educação tecnicista brasileira: uma abordagem a partir da filosofia da mente de John Searle. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 07, n. 03, p. 37-50, set. 2002.

O posicionamento de Jonh R. Searle progride em direção de que as abordagens tradicionais são limitadas pela dicotomia entre dualismo e fisicalismo⁵, ambas, pressupõem conceitos que não alcançam descrever bem a natureza da mente humana. Tal que a crença de que o físico e o mental são mutuamente exclusivos, ou seja, algo não pode ser físico e mental ao mesmo tempo, é o que faz com que o fisicalismo e o dualismo tradicionais pareçam ser as únicas opções possíveis. Ao rejeitar essa dualidade conceitual, John R. Searle argumenta que ele tornou plausível uma posição como a sua, ao incorporar ambos os elementos tanto do dualismo quanto do fisicalismo, contudo em uma nova roupagem.

Dados, portanto os elementos principais do dualismo faz-se necessário avançar para o entendimento do conceito monismo e suas subdivisões, é o que será explanado no próximo ponto.

⁵ Prata, Tárík de Athayde. É incoerente a concepção de Searle sobre a consciência? Manuscrito, **SCIELO**. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/man/a/P5X3LnSdyd8gFgm8X3YxYnj/?lang=pt#> Acesso em: 29 de mar de 2024.

3.3 Monismo

Há que se apontar que o monismo é conceitualmente oposto ao que se apresenta no dualismo, pois o dualismo, postula a existência de entidades imateriais e materiais, já aqui no apregoado pelo monismo, somente uma será a constituinte da natureza da mente humana, a matéria.

Tal qual no dualismo e suas formas, o monismo também apresenta diversas faces, são formas que de monismo apontam a existência de apenas uma substância ou princípio fundamental no mundo, a exemplo para o monismo as formas mais plausíveis resumidamente são:

*Monismo materialista*⁶, bem nesta concepção de materialismo se interpreta que a matéria ou energia é, pois, a única substância fundamental no mundo, logo, também que a única realidade é a matéria, aludindo ser tudo no universo, e nesse todo está incluído a mente humana, bem como as experiências subjetivas desta para esta corrente teórica são eventos materiais, e todas as atividades mentais ainda são resultados de processos físicos e químicos no cérebro. Segundo o monismo materialista, podemos compreender de forma completa a mente humana através de análise de tais processos neuroquímicos cerebrais, visto que a consciência se emerge do cérebro, órgão físico, não existindo consciência separadamente da matéria, sendo assim a única realidade. Para esta teoria, todos os fenômenos da mente humana são alcançados por explicações das leis da física e química, sendo desnecessários e inexistentes no mundo as concepções metafísicas e experiências subjetivas, uma vez que a matéria é a única entidade real e existente, neste ponto há uma grande distinção do materialismo com a tese postulada por Jonh R. Searle, pois a mente ultrapassa o limite físico em direção à metafísica, contudo não sendo uma outra substância.

Em continuidade, na teoria do *monismo idealista*⁷, se no monismo materialista tudo é apenas matéria, aqui no monismo idealista tudo se resolve pela outra via, ou seja, a oposta, sendo a via imaterial, tudo o que existe é mental, este, afirma que a realidade que nos cerca

⁶ Mariano, Marcos. O que é Monismo Materialista na Filosofia. **Estoico Viver**. 2024. Disponível em: <https://estoicoviver.com/glossario/o-que-e-monismo-materialista-na-filosofia/> Acesso em: 09 de abr. de 2024.

⁷ Rizzuto, Matías. A relação entre mente e corpo segundo a filosofia. **A Mente Maravilhosa**. 2023. Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/a-relacao-entre-mente-e-corpo-segundo-a-filosofia> Acesso em: 29 de mar. de 2024.

não é física, trata-se de construção da mente e há a defesa de que a única substância fundamental no mundo é a mente ou a consciência.

Assim, a consciência não é exclusiva dos seres humanos, organismos com cérebros mais complexos dotados de razão, do micro ao macro, isto que conhecemos por mundo está acordado ou consciente.

Em suma, ambas possuem suas próprias nuances que as distinguem umas das outras, contudo, todas elas apontam para uma única substância fundamental.

Ademais, grande foi a contribuição dessas faces do dualismo e monismo para a filosofia, visto que em sua exploração da natureza fundamental da realidade enriqueceram a compreensão acerca da natureza da mente humana, independente dos aspectos, sejam físicos, mentais, neutros, espirituais ou quaisquer outro.

Desse modo, a tese defendida por John R. Searle se demonstra como a mais viável por apontar pressupostos que melhor se adequam frente ao problema proposto da mente como um elemento filosófico, portanto, ele argumenta em “*A redescoberta da mente*”:

É fundamental mostrar que tanto o dualismo quanto o monismo são falsos porque em geral se supõe que esgotam o campo, não deixando outras opções, A maior parte de minha discussão será dirigida às várias formas de materialismo, porque é a visão dominante. O dualismo, sob qualquer forma, é hoje considerado fora de cogitação por que se admite que é incompatível com o enfoque científico global (Searle, 2006, p.9-10).

Com a explicação acima, ele aclara que o monismo e o dualismo não são as melhores escolhas para entendimento da natureza da mente humana e que sem o correto entendimento dos conceitos é impossível avançar com a discussão.

Logo, que a mente humana pode ser explicada em termos físicos e materiais por ser a visão dominante segundo ele, desse modo, trata-se de uma forma de monismo ontológico, o que conduz o raciocínio de que a mente humana é produto da atividade física do cérebro e do sistema nervoso.

E por ser esta a visão dominante segundo ele, John R. Searle, é que passa a tratar com mais afinco sobre o materialismo, deixando um pouco de lado o dualismo por estar esta tese de dualismo em posição minoritária no enfoque científico global.

Ele leciona sobre o naturalismo biológico, sua tese, que a consciência pode ser concebida como um processo natural e biológico diferentemente de toda teoria

supramencionada, seja monismo ou dualismo. Neste sentido, aponta John R. Searle em “*O mistério da consciência*”:

A consciência é um fenômeno biológico natural que não se enquadra apropriadamente em nenhuma das categorias tradicionais do mental e do físico. É causada por macroprocessos de nível inferior no cérebro e é uma propriedade do cérebro em níveis macro superiores. Para se aceitar este “naturalismo biológico”, como eu gosto de chama-lo, temos de abandonar primeiramente as categorias tradicionais (Searle, 1998, p.25-26).

Ou seja, ele entende que o fenômeno biológico natural tratado por ele como a expressão “naturalismo biológico”, pode de primeira impressão ser confundida uma visão reducionista de todo o processo, contudo não se trata de “naturalizar”, pois a própria biologia serve como base reducionista, ele afirma que estes eventos e processos mentais participam de nossa história natural biológica sendo de igual modo os eventos e processos mentais como a digestão, a mitose, a meiose ou a secreção enzimática, ou seja, algo que os órgãos produzem naturalmente, então a consciência é um processo neurobiológico causado e produzido no interior do cérebro.

Para ele, a mente e o cérebro não são entidades separadas e distintas, ou tampouco irreconciliáveis, mas sim componentes interligados dentro do sistema cerebral. Ambos fazem parte do mesmo sistema, operando em diferentes níveis de realidade, assim a mente humana não é nada metafísica ou fisicamente misteriosa, é algo natural, ele ainda explica que por ser a mente algo natural, os estados mentais, conscientes e inconscientes, são intrínsecos ao sistema cerebral e estes são resultantes e conduzidos pelo sistema, logo, estão sujeitos às mesmas influências e degradações que afetam qualquer outro sistema físico. Como exemplo, se houver a ingestão de substâncias psicoativas como drogas ou a ocorrência de doenças neurológicas, tais podem afetar profundamente nossos estados mentais. Da mesma forma, quando ocorre a morte, os estados mentais conscientes cessam e deixam de existir, uma vez que o funcionamento do sistema cerebral cessa, demonstrando que a subjetividade da consciência está fundamentada em processos físicos, ambos estão intrinsecamente ligados.

Quando John R. Searle fala em diferentes níveis de realidade dentro do sistema cerebral, ele se refere à sua estrutura em duas escalas: macro e micro, que ambos aspectos são do mesmo sistema. Por isso ele aponta que cada estado mental que experimentado por nós como a dor, o medo ou intenção de agir, tem suas raízes fundadas nos processos neurais interiores. Desse modo, infere-se que para John R. Searle não existe estado mental sem uma

base neuronal primária biológica que por ela emergirá a mente humana. Podemos pensar nesses dois níveis como dimensões ou camadas de observação diferentes. Podendo focar apenas no nível micro, sendo ele o aspecto neurobiológico, ou se preferir no nível macro, que é a totalidade do estado mental em si, a emergência da mente humana.

Ainda nesse sentido, com o fim de melhor aclarar tal entendimento, é possível usar a analogia da solidez e liquidez dos objetos, em que determinado objeto pode estar sólido ou líquido a depender da disposição de suas moléculas. Logo, uma cadeira se parece sólida devido a que suas moléculas estão organizadas de certa maneira e não de outra, pois ao alterarmos a disposição de tais moléculas, poderão ser alteradas as características dela. A tal fato infere-se que o mesmo raciocínio é o que se aplica ao sistema cerebral humano: sua microestrutura determina a emergência dos estados mentais consciente, ou seja, o que percebemos como pensamentos e sensações.

De igual modo, John R. Searle sugere que nossa consciência como está constituída é um processo neurobiológico, que ela deve e pode ser estudada pela neurociência, ademais, que a consciência humana não tem a ver como algo misterioso ou sobrenatural, ao contrário, ela possui uma forma natural do mundo e ainda que pode ser compreendida de maneira científica.

Diante das teorias dualistas e monistas mencionadas anteriormente no qual se apresenta a temática mente e cérebro, esta pesquisa busca aclarar acerca da natureza da mente humana, por esse motivo deve continuar a ser analisada, estudada filosoficamente em suas mais diversas dimensões. E por discordar com muitos posicionamentos e entendimentos equivocados por ambíguas interpretações terminológicas, é que John R. Searle se propõe a responder qual papel a consciência ocupa *in veritas*, sendo assim, no próximo tópico trataremos de investigar o papel que a consciência ocupa segundo sua tese do naturalismo biológico.

4 A consciência e seu papel na teoria de Searle.

Neste tópico trataremos acerca do papel central que a consciência ocupa como elemento filosófico do ser humano, teremos como base as obras filosóficas de Jonh R. Searle que propõe a teoria do naturalismo biológico indicando-a como a mais adequada para o entendimento de como se estabelece a mente enquanto sistema biológico de consciência.

Primordialmente, cumpre dizer que é necessário compreender melhor o termo “consciência” para que seja possível nortear os argumentos que sucederão ao decorrer filosófico neste trabalho, e com o fim de tracejar tais argumentos segue como análise conceitual o significado do termo de consciência descrito no livro “*Vocabulário técnico e crítico da filosofia*”, de Lalande⁸.

Podemos inferir em consonância com o vernáculo em nota, que o termo “consciência” é a existência de algo que está inserido no íntimo do ser humano capaz de estabelecê-lo em estado de conexão com sua existência, mundo interior e exterior. O que difere da matéria, a saber os neurônios e sinapses, átomos e suas subdivisões conhecidas na

8 Lalande, André, **Vocabulário técnico e crítico da filosofia** / André Lalande; (tradução Fátima Sá Correia) et al.J. 1ª edição brasileira. São Paulo: Martins Fontes, abril de 1993. p.195-197.

1. CONSCIÊNCIA psicológica D. Bewusstsein, Selbstbewusstsein', E. Consciousness; F. Conscience; 1. Coscienza. A. Intuição (mais ou menos completa, mais ou menos clara) que o espírito tem dos seus estados e dos seus atos. Esta definição apenas pode ser aproximativa, sendo o fato da consciência, como justamente nota Hamilton, um dos dados fundamentais do pensamento, que não se pode resolver em elementos mais simples. [...]

A. Se este conhecimento* do espírito se entende no sentido A e se o fato consciente não é considerado diferente do fato de que ele é consciente, a consciência é dita consciência espontânea.

B. Se este conhecimento* se entende no sentido B (quer dizer, pressupõe uma oposição nítida entre o que conhece e o que é conhecido e uma análise do objeto deste conhecimento) a consciência é dita consciência refletida*.

C. O que a consciência no sentido A apreende: o conjunto dos fatos psicológicos que pertencem a um indivíduo ou a um conjunto de indivíduos na medida em que têm uma característica comum. “A consciência da criança.” “A consciência de classe” (do ponto de vista social). A expressão “uma consciência” por “um estado ou um ato consciente” foi utilizada algumas vezes nestes últimos anos, sobretudo com vista a evitar que “a consciência” não fosse representada como um quadro ou um continente no qual os fenômenos psíquicos seriam colocados.

D. Um ser consciente. E. Conhecimento imediato (não apenas de si mesmo, mas de outras coisas [...])

[...] ciência enquanto construída pela oposição entre o objeto e o sujeito e reduzindo-se então a este último por oposição ao objeto. Mas mesmo aqui a palavra toma ainda duas significações muito diferentes: a) consideramos o que fica ainda no sujeito após esta diferenciação, detemo-nos em sua atividade própria, nas virtualidades de novas obras que ele ainda poderá produzir, nas leis segundo as quais ele se desenvolve, nas reservas de poder pensante que poderão levar ao progresso ou mesmo a revoluções no conhecimento;

b) consideramos, pelo contrário, o conhecimento atual do objeto, no que ele ganhou devido a esta diferenciação em nitidez e em distinção, na posse mais completa que tomamos pelo nosso trabalho de oposição e de análise (por exemplo, na clareza das nossas percepções, na precisão dos princípios dos nossos raciocínios), e é neste último sentido, sobretudo na linguagem vulgar, que julgamos um espírito mais ou menos consciente ou inconsciente. Seria, pois, conveniente distinguir consciência primitiva e consciência refletida, consciência subjetiva e consciência objetiva (Lalande, 1993, p.195-197).

contemporaneidade, que tomados unitariamente são desprovidos de consciência, podem ser a essência consciente de nossa vida mental.

Aqui é importante observar o que é apresentado por John R. Searle em “Mente, Cérebro e Ciência”:

Quando temos um pensamento, está efetivamente a ocorrer a atividade cerebral. A atividade cerebral causa movimentos corporais mediante processos fisiológicos. Ora, porque os estados mentais são características do cérebro, têm dois níveis de descrição – um nível superior em termos mentais e um nível inferior em termos fisiológicos. Os mesmos poderes causais do sistema podem descrever-se em qualquer um dos níveis (Searle, 1984, p. 32).

Mas qual seria a relação entre a mente e o cérebro? Haveria níveis de consciência produzida por esta relação mente cérebro? Para responder tais questionamentos é necessário ser conhecedor do termo abordado, e conhecendo-o pode-se avançar ao encontro do que explica John R. Searle, quando aponta que há níveis de consciência, pois quando estamos no estado de sono ou em vigília nossos estados de consciência são sucessivamente alterados, ele indica que mesmo durante a vigília há estados de consciência distintos, é o que explica na seguinte citação, John R. Searle “*A redescoberta da mente*”:

Quando acordo de um sono sem sonhos, entro num estado de consciência, um estado que permanece enquanto estiver acordado. Quando vou dormir, ou sou colocado sob anestesia geral, ou morro, meus estados conscientes cessam. Se durante o sono tenho sonhos, torno-me consciente, embora em formas oníricas de consciência sejam geralmente de um nível muito mais baixo de intensidade e vividez do que a consciência desperta e ordinária. A consciência pode variar em grau mesmo durante as horas em que estamos acordados, como, por exemplo, quando passamos do estado bem desperto e alerta para a sonolência e o entorpecimento, ou simplesmente para o enfado e a desatenção. Algumas pessoas introduzem substâncias químicas em seus cérebros com o propósito de produzir estados alterados de consciência, mas mesmo sem assistência química é possível, na vida normal, distinguir diferentes graus e formas de consciência. A consciência é um interruptor liga/desliga: um sistema é consciente ou não. Mas, uma vez consciente, o sistema é um reostato: existem diferentes graus de consciência (Searle, 2006, p.124).

Para John R. Searle, uma vez consciente todo sistema funciona como um reostato⁹, podendo esse resistor controlar a corrente elétrica, nesse caso a “consciência” aumentando

⁹ Para aqueles que não conhecem tal componente, reostato é um componente elétrico regulador, capaz de modular o valor de resistência de um circuito podendo alterar os valores de corrente elétrica, aumentando ou diminuindo essa corrente.

ou diminuindo esta “corrente consciente”, ou seja alterando os níveis de consciência¹⁰ do ser humano tornando ele por vezes mais sereno ou vívido variando naturalmente, o que pode até mesmo ser modulado de forma artificial induzida por substâncias químicas.

Ademais, em John R. Searle no livro *O mistério da consciência* (Searle, 1998, p.33) indica que “A consciência, assim definida, é um fenômeno interno qualitativo de primeira pessoa.” E não basta somente saber que existe a consciência e que esta pode ser ligada ou desligada, é imprescindível também saber de que se é consciente, pois estar consciente ou não neste caso implica efeitos distintos.

Sendo a consciência uma qualidade, ela é uma característica intrínseca de certos estados mentais, como percepções, pensamentos e emoções. Como já dito ela é subjetiva, podendo ser experimentada pelo próprio indivíduo que está consciente e não pode ser dividida em outras partes menores, visto que de acordo com o pensamento de John R. Searle, que a qualidade é uma característica essencial da consciência, esta é sua subjetividade ontológica, a qualidade única e irreduzível das experiências conscientes. Em outras palavras, dificilmente poderemos realmente saber como as outras pessoas experienciam suas próprias sensações e pensamentos, também é complexo expressar completamente nossas experiências com palavras. Contudo, tal fato não diminui a realidade, significância, complexidade e singularidade de cada experiência consciente. Pois tais características fenomenológicas da consciência, tais como sentir dor, perceber cores, saborear algo ou ouvir música, são experiências subjetivas que têm uma qualidade única que não pode ser completamente explicada por processos neurológicos ou por simples processamento de informações.

Por ser a consciência subjetiva e pessoal a cada ser humano, é ela como qualidade, a *qualia*, que dá sentido a nossa existência, nesse aspecto a subjetividade explicada pelas experiências da *qualia* acima aclarada, John R. Searle comenta em “*Mente, Cérebro e Ciência*” a respeito do fato central da existência de consciência humana como aquela que dá sentido à nossa existência, ensina:

A consciência é o fato central da existência especificamente humana, porque sem ela todos os outros aspectos especificamente humanos da nossa

¹⁰ Com o objetivo de melhor reflexão, devemos saber que argumentar sobre a consciência é um debate imenso, podemos entendê-la também como algo do interior do ser humano, uma capacidade experiencial subjetiva de estar ciente do mundo ao nosso redor e também faz parte deste processo à percepção sensorial, a atenção, a memória, o pensamento, a emoção e a autoconsciência que podem ser maiores ou menores de acordo com o estado físico do corpo se encontram, a exemplo se a pessoa está cansada ou descansada, se está bem alimentada ou não, se dormiu o necessário ou esteve em vigília por longo período.

existência – linguagem, amor, humor, e assim por diante – seriam impossíveis (SEARLE, 1984 p. 20).

Então nossa existência está intimamente ligada à consciência, pois estar consciente é perceber o mundo que está posto e entender a própria existência por meio dessa experiência subjetiva que traz significado para a vida e a nós mesmos.

Pois, é o caso dizer que os estados mentais possuem conteúdos e estar consciente é dar referência a algo, ou seja, há intencionalidade de estados mentais, não são obras do acaso, são produzidos, é o caso quando se propõe a estudar algo em que se dedica um tempo e concentração, em que se busca um estado mental ativo concentrado em determinado assunto a fim de se superar determinada situação.

A intencionalidade ainda pode ser definida como a capacidade que nossa mente possui de se voltar para algo que não seja ela mesma, ou seja, referir-se a objetos e estados de coisas no mundo, então, cada ato intencional possui um conteúdo que pode ser expresso em termos proposicionais, manifestando-se através de um modo psicológico específico que apresenta condições para ser satisfeito e ter uma direção de ajuste ou realização, infere-se ainda segundo John R. Searle, que a ideia da interdependência entre consciência e intencionalidade, sugere que apenas um ser capaz de ter estados intencionais conscientes pode verdadeiramente ter estados intencionais e que cada estado intencional inconsciente possui ao menos o potencial para se tornar consciente.

Nesse sentido, podemos inferir que a consciência é a questão central da mente e John R. Searle destaca em “*A redescoberta da mente*” (Searle, 2006, p.124): “A razão para enfatizar a consciência numa explicação da mente é que ela é a noção mental central”. Bem por ser esta a questão central é que se estuda também como a evolução dos seres vivos e alguns organismos desenvolveram tais células nervosas é o entendimento de Crespi, Noro e Nobile¹¹(2020) que os tornaram diferenciados, mais ainda a espécie humana em relação aos demais que por sua vez nos foi tomado certa organização, criando um sistema nervoso hábil e especializado.

¹¹ Crespi, L.; Noro, D.; Nobile, M. F. Neurodesenvolvimento na Primeira Infância: aspectos significativos para o atendimento escolar na Educação Infantil. **Ensino em Re-Vista**, [S. l.], v. 27, n. Especial, p. 1517–1541, 2020. DOI: 10.14393/ER-v27nEa2020-15. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/57449>. Acesso em: 10 abr. 2024.

E, por conseguinte no caso dos seres humanos e algumas outras espécies, devido a sua complexidade, tais sistemas são capacitados para causar, sustentar determinados estados mentais e procedimentos conscientes, nos quais as células nervosas com especificidades foram agrupadas em um órgão, neste caso o cérebro, estas que causam e sustentam a consciência de si e todos seus estados mentais derivados, como é o caso dos seres humanos.

Nesse sentido, cumpre dizer que a consciência é uma característica biológica de determinados sistemas nervosos, distingue John R. Searle em “*A redescoberta da mente*”:

Consciência, em resumo, é uma característica biológica de cérebros de seres humanos e determinados animais. É causada por processos neurobiológicos, e é tanto uma parte da ordem biológica natural quanto quaisquer outras características biológicas, como a fotossíntese, a digestão ou a mitose (Searle, 2006, p.133).

Pois, como característica biológica de cérebros humanos compostos por células nervosas especializadas distintas uma das outras estruturando um sistema nervoso único, a constituição da consciência além de ser consciência de algo e causada devido a um sistema que a sustém, está categorizada de forma epistêmica e ontológica, trata-se de coisa subjetiva de existência. Para exemplificar traz-se a dor, na qual em primeira pessoa somente consegue se sentir e descrever o nível da dor, não pode a terceira pessoa, o observador, distinguir suas características que somente aquele que a experiencia, para isso John R. Searle no livro “*A redescoberta da mente*” faz um compendio de todo assunto supramencionado:

O que mais podemos dizer sobre esse modo subjetivo de existência? Bem, primeiro é essencial perceber que em consequência de sua subjetividade, a dor não é acessível igualmente a qualquer observador. Sua existência, poderíamos dizer, é uma existência de primeira pessoa. Para ser uma dor, ela tem que ser dor de *alguém*; e isto num sentido muito mais forte do que o sentido em que uma perna tem que ser a perna de *alguém*, por exemplo. Transplantes de perna são possíveis; neste sentido, transplantes de dor não. E o que é verdadeiro em relação a dores é verdadeiro em relação a estados conscientes em geral. Todo estado consciente é sempre estado consciente *de alguém*. E, da mesma forma como tenho uma relação especial com meus estados conscientes, que não é como minha relação com os estados conscientes de outras pessoas, assim, esta, por sua vez, tem uma relação com seus estados conscientes que não é como minha relação com seus estados conscientes. A subjetividade tem a consequência adicional de todas as minhas formas conscientes de intencionalidade que me fornecem informação sobre o mundo independente de mim mesmo serem sempre um ponto de vista especial. O mundo mesmo não tem ponto de vista, mas meu acesso ao mundo através de meus estados conscientes se dá sempre em perspectiva, sempre a partir de meu ponto de vista (Searle, 2006, p.140).

Ele, John R. Searle, descreve muito bem como é estar consciente, bem como os estados mentais nos fazem relacionar com os outros e com o mundo que nos cerca, assim continua reforçando que a consciência, bem como os estados mentais são subjetivos, pois o estado subjetivo de uma pessoa não faz a outra sentir o mesmo estado, são particulares em primeira pessoa, nesse sentido, ele acrescenta que nossas experiências conscientes só fazem sentido quando consideramos outras experiências relacionadas que estão além delas, por exemplo, um pensamento leva a outros pensamentos, criando uma conexão contínua e ainda tais experiências vividas que parecem ter um “centro e uma periferia”.

Assim, podemos imaginar tal processo usando a metáfora da lanterna, sendo a consciência como uma luz que foca em alguns conteúdos específicos, enquanto uma imensa e diversificada quantidade de outras experiências conscientes permanecem na periferia, estas outras, fora do centro de atenção. Explicando melhor seria o seguinte: você pode estar consciente da sensação na sola do seu pé ou de uma leve sede, mesmo que essas sensações não estejam no centro da sua atenção no momento caso estivesse redigindo um texto como é o caso desse que vos escreve, ou outro foco central de atenção quaisquer que seja.

É a mesma ideia na qual garante que a observação de algo objetivo é sempre de um ponto de vista de alguém o que a torna subjetiva, conseqüentemente torna a consciência objetiva em sua natureza epistemológica, ou seja, o conhecimento científico sobre determinada coisa, e ontologicamente, que podemos entender como a compreensão da natureza de determinada coisa, nesse sentido descreve John R. Searle no livro “*A redescoberta da mente*”:

o modelo é aquele em que observadores objetivos (no sentido epistêmico) observam uma realidade objetivamente (no sentido ontológico) existente. Mas não há como, neste modelo, observar o próprio ato de observação. Porque o ato de observação é o nosso acesso subjetivo (sentido ontológico) à realidade objetiva. Embora eu possa facilmente observar uma outra pessoa, não posso observar a *subjetividade* dele ou dela. E, pior ainda, não posso *observar* minha própria subjetividade, pois qualquer observação que pudesse me interessar fazer é, ela mesma, aquilo que se esperava que fosse observado. Toda a ideia de haver uma observação da realidade é precisamente a ideia de representações (ontologicamente) subjetivas da realidade. A ontologia da observação – por ser oposta à sua epistemologia – é precisamente a ontologia da subjetividade. Observação é sempre observação de alguém; é em geral consciente; sempre se dá a partir de um ponto de vista; tem uma impressão subjetiva etc (Searle, 2006, p.146).

Dado que a consciência passa pelo acesso subjetivo causado por nosso cérebro, tal pensamento segue em consonância com o naturalismo biológico, abordagem filosófica aqui adotada, há a visão de que a consciência, mais especificamente a mente é causada pela rede de células nervosas que compõe o cérebro, este, de igual modo a outros órgãos biológicos têm sua especificidade, a de produzir sustentar e dar multiplicidade a consciência.

Segundo John R. Searle, em “*A redescoberta da mente*” (Searle, 2006, p.25-26) é o raciocínio “[...] a consciência *enquanto* consciência, *enquanto* mental, *enquanto* subjetiva, *enquanto* qualitativa, é física, e física *porque* mental. [...]”. Para ele por ser a consciência mental e qualitativa esta é produzida pelo cérebro físico, sendo o produto deste processo físico a própria produção mental.

Ainda neste entendimento segue John R. Searle “O mistério da consciência” (Searle 1998, p.50) de que “todas as nossas experiências conscientes são *explicadas* pelo comportamento dos neurônios e são elas próprias, propriedades emergentes do sistema de neurônios”. Para ainda concatenar o bojo, o conceito do termo consciência, é importante voltar os olhos para sua estrutura, para isso, há de se explanar ainda que de forma sucinta sobre as principais e não únicas características estruturais da consciência. E em adição a este raciocínio, John R. Searle em sua obra “*A redescoberta da mente*” afirma:

Vejo o cérebro humano como um órgão qualquer outro, como um sistema biológico. Sua característica especial, no que diz respeito à mente, a característica na qual difere notavelmente de outros órgãos biológicos, é sua capacidade de produzir e sustentar toda a enorme multiplicidade de nossa consciência de vida (Searle, 2006, p.325).

Não só ver o cérebro como qualquer outro órgão, como também segue seu raciocínio no sentido e aponta, John R. Searle “O mistério da consciência” (Searle, 1998, p.26) “Compreendemos a consciência quando compreendemos, de forma biologicamente detalhada, como o cérebro a produz”. Portanto, para ele a consciência ocupa um papel de subjetividade natural do sistema biológico de alguns seres vivos, aqui tratamos do ser humano e especificamente na rede de células nervosas que estruturam o cérebro, este órgão comum com ocupações como qualquer outro, porém este tem sua função “dar consciência de”, produzir processos cerebrais e sustentar os estados mentais, o que nos leva ao próximo tópico para de algum modo esclarecer porque a consciência é um elemento filosófico central do ser humano.

Faz-se necessário aclarar que a miscelânea de pressuposições e adequações ambíguas utilizadas tradicionalmente dos termos conduzem o pesquisador ao erro, pois o tema mente e cérebro é intrinsecamente ligado à subjetividade humana e sua constituição tem sido debatida desde os primórdios da existência humana.

Portanto, é essencial que os termos utilizados para descrever a natureza filosófica da mente humana sejam bem definidos, assim será oportunizada uma melhor compreensão do problema proposto.

Ancorado nas postulações a partir do naturalismo biológico de John R. Searle, por este possuir posicionamentos bem claros e concisos que fundamentam sua proposta, é que fica mais claro compreender a natureza da mente humana, em “A redescoberta da mente”:

[...] os fenômenos mentais são causados por processos neurofisiológicos no cérebro, e são, eles próprios, características do cérebro. Para distinguir esta concepção das muitas outras neste campo, chamo-a de “naturalismo biológico”. Os processos e fatos mentais fazem parte da nossa história natural biológica tanto quanto a digestão, a mitose, a meiose ou a secreção enzimática (Searle, 2006, p.7-8).

Para ele, nossa consciência é produzida naturalmente por processos neurofisiológicos, por esse motivo adota tal teoria e a descreve como naturalismo biológico, sugere ainda em, “Mente, Cérebro e Ciência” (Searle, 1984, p. 18): “Penso que o problema da Mente-Corpo tem uma solução bastante simples.” O problema da compreensão da natureza da mente humana e a relação entre mente-cérebro é simples, seria interessante que a filosofia viesse a introduzir tal temática e que se ocupasse em desvelar como se dá esta relação mente-cérebro.

Assim sendo, face à necessidade de compreensão da realidade sobre o que é a mente, consciência, cérebro, como estão relacionados e construídos, é que o ramo da filosofia da mente enquanto estudo também se volta à reflexão, é que John R. Searle faz no livro “A redescoberta da mente”:

E, quando desafiados, invocamos esse que é o mais poderoso dos argumentos filosóficos: “O que mais poderia ser?”, “De que outra forma poderia funcionar?” (Searle, 2006, p.352).

É assim que pondera o tema com o fim de entender a natureza da mente humana como um elemento filosófico, portanto o ser humano busca sempre uma resposta e um significado a tudo que o cerca e tal ânsia por conhecimento vai além de buscar no mundo

afora, pois, este passa a olhar para dentro de si com o fim de aventurar-se a desvelar a natureza em maior grau e sua própria constituição, por isso se perguntará e buscará outro caminho para entender a natureza, um algo mais, uma melhor justificativa que descreva e se adeque, uma resposta mais refinada ao problema apresentado seja ele qual for, tal é o fato que os antigos filósofos, os naturalistas *physikós*, os físicos que buscavam o princípio primeiro a *arché* a partir do qual tudo se originou.

Nesse sentido, John R. Searle apresenta em seu livro “*A redescoberta da mente*” que o problema mente cérebro tem causado debates acalorados no meio científico, ele propõe uma possível solução, e afirma que esta solução está à disposição de qualquer pessoa instruída, desde que se aplique a um estudo sério, esclarece:

Esta solução encontra-se ao alcance de qualquer pessoa instruída desde o início de um estudo sério sobre o cérebro. Para distinguir esta concepção das muitas outras neste campo, chamo-a de “naturalismo biológico”. Os processos e fatos mentais fazem parte de nossa história natural biológica tanto quanto a digestão, a mitose, a meiose ou a secreção enzimática. [...] Algumas das questões filosóficas são: o que é exatamente a consciência, e como exatamente os fenômenos mentais conscientes relacionam-se com os inconscientes? Quais são as características especiais do “mental”, características como consciência, intencionalidade, subjetividade, causação mental; e como exatamente elas funcionam? Quais são as relações causais entre fenômenos “mentais” e “físicos”? Podemos nós caracterizar tais relações causais de maneira a evitar o epifenomenalismo?[...](Searle, 2006, p.7-8).

Na citação acima, ele explica que o problema da mente e suas relações com o corpo tornam a natureza da mente humana um elemento filosófico, sendo indispensável seu estudo. Também há uma discussão contemporânea na área de filosofia da mente, sobre a causação da consciência, John R. Searle traz como naturalismo biológico as relações entre o consciente e o inconsciente, e os estados mentais quaisquer que são características do mental como emoções, cognição, capacidade de tomar decisão, aprendizado e interpretação do mundo estão categoricamente conexos à consciência.

Igualmente, questões particulares do ser humano estão alistadas e codependentes da mente enquanto consciência, como exemplos é possível citar algumas características como a racionalidade, o desejo de produzir algo intencional, a subjetividade inata ao ser, a possibilidade de escolhas, a causação mental e outras inúmeras questões existenciais que abundam a consciência do ser humano, são estas algumas das especialidades de um ser

subjetivo, intencional e racional que possuem fundamental peso filosófico e traz à discussão deste tópico ser a natureza da mente humana um elemento filosófico.

Não só basta estar ciente que a consciência é um problema filosófico, é necessário também saber que nos cabe continuamente questionar sobre a correspondência dos fatos com o que pensamos ser a mente, e se de fato se corresponde no mundo real. A saber, John R. Searle em “O mistério da consciência” efetivamente ensina:

[...] tenho a impressão de que o maior e único obstáculo filosófico para se obter uma explicação satisfatória da consciência é nossa aceitação constante de um conjunto de categorias obsoletas e de uma série de pressuposições herdadas de nossa tradição religiosa filosófica (Searle, 1998, p.23).

Isto é, que um dos maiores problemas para explicação acerca da consciência, pois certas nomenclaturas e concepções errôneas de termos tradicionais, que acabam por retirarmos a sensibilidade de maior amplitude no entendimento do que é a consciência. Sendo assim, John R. Searle relata em sua obra “O mistério da consciência” o seguinte:

O problema da consciência” consiste em explicar exatamente como os processos neurobiológicos no cérebro “causam” nossos estados subjetivos de ciência ou sensibilidade; como exatamente esses estados “são percebidos” nas estruturas cerebrais, como a consciência “funciona” na economia global do cérebro e, conseqüentemente, como ela funciona em nossas vidas em geral. [...] (Searle, 1998, p.206).

Ou seja, é o problema da compreensão da natureza da mente humana e como se estabelece a consciência um fato latente a ser explicado e estudado cientificamente, aqui em especial, filosoficamente por conter um “mistério” ainda não respondido com uma compreensão satisfatória, mas que, sabe-se ser um fator que define e distingue o ser humano como tal das máquinas e dos sistemas não biológicos, sejam quais forem.

Para dialogar com John R. Searle no próximo capítulo será apresentado um pouco da explicação mecânica da consciência apresentado por Daniel Dennett, este que postula posição antagônica à tese do naturalismo biológico, bem como discorrer um pouco sobre as críticas de John R. Searle à proposta de explicação ao sistema mecânico de consciência de Daniel Dennett.

5 A Crítica de Searle à mecânica da consciência de Dennett.

No sistema biológico, temos a concepção de que o cérebro humano possui uma capacidade única de compartilhar certas estruturas comuns entre os membros da mesma espécie, cada cérebro se organiza de forma totalmente individual e idiossincrática devido à imprevisibilidade do processo de aprendizado, da condição biológica cognitiva de cada um, bem como do meio social e intelectual que está exposto. Este é um dos motivos de que talvez e dificilmente consigamos “padronizar” a mente, por ser ela não computacional, e reproduzi-la de forma padrão ou em série logicamente em um sistema mecânico. Mesmo que haja certas semelhanças na anatomia cerebral entre os membros da espécie humana, tais características internas do cérebro e conexões neuronais de cada indivíduo possivelmente são únicas.

Há embates e articulações nas ciências cognitivas, seja em defesa da explicação da consciência.

Dennett ancora seu pensar, para ele explicação mecânica da consciência é funcionalista, lógico, representacional, passível de padronização e objetiva.

Jonh R. Searle fundamenta que a explicação da consciência é biológica, analógica, anti-representacional e subjetiva.

Pois bem, a inteligência artificial - IA se aproxima mais ao dualismo, uma vez que o hardware trata-se de parte física e o software de parte lógica, deste modo, podem se desvincular uma da outra sendo possível esta parte lógica da “mente” ser executada em outro espaço físico. Em contraponto ao que se apregoa à neurociência, de que é impossível haver um programa prévio padrão ou estabelecido que o possa se desvincular do próprio corpo, dificilmente há hipótese de separação entre cérebro e mente, em uma concepção natural, este indivíduo é um ser "encarnado" em seu corpo e estranho seria sua existência ser compreendida fora dele, compreensão da consciência sob a ótica de explicação mecânica da consciência aparentemente faz a inteligência artificial IA forte, conceito que será melhor explicado mais a frente, estar mais próxima a uma espécie de dualismo.

Diante da paulatina evolução de estudos na área da filosofia da mente, ancorada na biologia do cérebro, crendo que o mecanismo biológico natural de funcionamento do sistema nervoso é fechado, é que se fundamenta a diferença entre o operar de um sistema nervoso biológico natural e o operar de um sistema mecânico de consciência do computador, ou seja, um representacionista, que segundo os que defendem o sistema biológico de consciência este

ultimo é apenas uma imitação, ou seja apenas um simulacro da mente humana, é o que veremos no texto a seguir.

John R. Searle crítica veemente à explicação mecânica da consciência, afirma que a "intencionalidade" do computador é derivada da nossa, já que ele não possui intenções próprias, pois nenhum computador processa informação de forma completa. Desta maneira os computadores nos auxiliam na transmissão e no processamento das informações, mas não realiza a parte mais crucial do serviço que compete a ação do ser humano com sua mente subjetiva biológica, como exemplo podemos descrever a seguinte situação hipotética: Um programador faz a codificação das informações cujo significado já está previamente estabelecido, de maneira lógica que estas que possam ser processadas pelo software no hardware, logo este sistema mecânico, o computador, diante de vastos estágios elétricos converte tais sinais elétricos novamente em signos, seja em tela, folha impressa, sons ou outro estado nos quais a informação está codificada para tomar forma.

Assim, o programador que pode ser o próprio usuário original, quando registra as informações para lembrar-se posteriormente, ou a outra pessoa para quem a informação deva ter um significado previamente estabelecido, que poderá interpretá-la tanto sintática quanto semanticamente. Isso ocorre porque o software não possui uma sintaxe ou semântica intrínseca e subjetividade própria, tudo depende do observador.

Dennett, se contrapõe intelectualmente a Jonh R. Searle essencialmente quando afirma ser nosso cérebro uma espécie de computador *hardware* (componente físico) e nossa consciência um tipo de *software* (componente lógico).

Nesse sentido para não deixar dúvida da posição contrária entre os mesmos, no livro "O mistério da consciência", John R. Searle aponta veemente a definição de consciência dada por Dennett:

[...] Dennett oferece a seguinte explicação para a consciência: A consciência humana é, ela própria, uma imensa coleção de memes (ou, mais precisamente, efeitos –meme em cérebros) que podem ser melhor compreendidos como a operação de uma máquina virtual "*von Neumannesca*" implementada na *arquitetura paralela* de um cérebro que não foi projetado para nenhuma atividade do gênero (itálicos no original, p.210). [...] em outras palavras, estar consciente é simplesmente uma questão de implementar um certo tipo de programa ou programa de computador em uma máquina paralela que evoluiu na natureza[...] (Searle, 1998, p.125).

Logo, John R. Searle comenta que para Dennett, a mente humana seria uma inteligência artificial forte, IA-Forte, ou seja, uma consciência baseada em dados objetivos negando-se, portanto a subjetividade, conceito este de fundamental importância no sistema biológico de consciência, trata-se de nivelar a mente humana e o computador ao mesmo patamar, e ainda que as experiências conscientes seriam “meras” operações de uma máquina de computação, pensamento este oposto e que vai de encontro com do pensamento defendido por John R. Searle.

John R. Searle, em “O mistério da consciência” (Searle, 1998, p.133), publica em que livro que Dennett afirma divergir dele e até mesmo traz tal discordância a público quando cita uma discussão no “The New York Review of Books, diz: “John Searle e eu temos uma profunda divergência sobre como estudar a mente. Para Searle, é tudo realmente muito simples.”

Ora, neste ponto do trabalho já é notório que o problema da compreensão da natureza da mente humana e como se estabelece a consciência é um fato latente a ser explicado e estudado cientificamente, aqui em especial filosoficamente por conter um “mistério” ainda não respondido com uma compreensão não alcançada em sua plenitude, e tal mistério é o que causa tantas discussões intelectuais.

Nesse sentido ainda continua John R. Searle em “O mistério da consciência”:

De fato, Dennett é o único dos autores criticados que nega a existência das experiências conscientes que estamos tentando explicar e é o único que vê todas as experiências que consideramos conscientes como meras operações de uma máquina de computação (Searle, 1998, p.143).

Posto tal posicionamento, é notório que Dennett acredita em uma neurociência computacional de IA-Forte, tese antagônica à postulada por John R. Searle. Em continuidade ao entendimento e posicionamento crítico de John R. Searle à Dennett acerca dos pressupostos da consciência, é necessário relembrar que ele discute o problema da relação entre mente-cérebro e apresenta o naturalismo biológico como uma possível solução para o problema da compreensão da natureza da mente humana, rejeita as ideias do dualismo e monismo, sugere ser o cérebro um órgão fundamental na produção da consciência e dos estados mentais, discorda das visões que tentam explicar a consciência de forma puramente mecânica, como é o caso da explicação apresentada por Dennett, assim John R. Searle, nos

leva a questionar e refletir sobre como entendemos a mente, destacando a complexidade desse tema.

Continuemos; haveria então uma relação causal entre os processos cerebrais e processos mentais? Como seriam observados e quais seriam as implicações em um modelo biológico e um modelo mecânico? Se a mente fosse apenas um conjunto de dados sem a subjetividade, intencionalidade e diante de todos os aspectos apresentados por John R. Searle, esta seria o sistema mecânico de explicação da mente? Uma “simulação” do que a mente biológica realmente é? Possivelmente os comportamentos produzidos em ambos os sistemas seriam irrelevantes, comportamentos esses que poderiam seguir o método de investigação psicológica denominado behaviorismo, teoria esta que busca examinar os comportamentos.

Com efeito, John R. Searle em “A redescoberta da mente” afiança:

[...] no que diz respeito à ontologia da consciência, o comportamento é irrelevante. Poderíamos ter *comportamentos idênticos* em dois sistemas diferentes, um dos quais consciente, e o outro totalmente inconsciente (Searle, 2006, p.106).

Poderia então um sistema não biológico, ou seja, um sistema mecânico ser uma mente somente por conter um “certo” programa “correto” para entrada e saída de dados?

É preciso também se discutir o que é a inteligência e sua natureza, seria ela matemática? Seria computacional?

Tais indagações podem ser feitas porque, determinado comportamento seria idêntico ao sistema consciente biológico “simulado” em um sistema inconsciente mecânico, deste modo, afirmaríamos ser tal comportamento “simulado” ou real? A diferença estaria em ser consciente ou não.

Esta afirmação é fundada em que a mente não seria um simples programa de computador, um programa lógico, “software”, executando comandos no cérebro em um equipamento físico, “hardware” assim explica John R. Searle, em “O mistério da consciência”:

Há diferentes versões da teoria computacional da mente. A mais forte é a que eu acabei de expor: a mente é apenas um programa de computador. Isto é tudo. Chamo-a de “Inteligência Artificial Forte” (IA Forte) a fim de distingui-la da visão de que o computador é uma ferramenta útil para fazer simulações da mente, da mesma forma como é útil para fazer simulações da mente, da mesma forma como é útil nas simulações de quase qualquer coisa que descrevamos com precisão, tal como as condições meteorológicas

ou fluxo de dinheiro na economia. Esta visão mais ponderada eu a chamo de IA Fraca (Searle, 1998, p.36).

Diante de tal conceituação é possível observar que em um sistema de Inteligência Artificial, IA - Forte na qual o sistema está estabelecido mecanicamente apenas manipula sinais e signos formais, simulando assim sintaticamente operações que “programam” o simulacro da mente consciente, contudo não a é.

Para dar continuidade ao tema de Inteligência Artificial, se faz necessário explanar um pouco mais sobre sua trajetória, que nos remete aos anos de 1950, quando se iniciou o processo de sua invenção e que vem evoluindo paulatinamente de modo significativo, tais avanços são impulsionados pelo aumento do poder computacional e disponibilidade crescente de dados, tal evolução tem permitido o desenvolvimento de técnicas capazes de lidar com problemas cada vez mais complexos, especialmente na era da internet das coisas.

Podemos inferir com o termo internet das coisas como um período em que a tecnologia permite que nossos dispositivos permaneçam conectados à rede global de internet, o que possibilita a interação entre eles, por estes dispositivos estarem equipados com sensores e tecnologias que permitem a troca de dados entre eles e com outros sistemas. Esta tecnologia está sendo cada vez mais utilizada em empresas para a criação de produtos e serviços para aperfeiçoar as operações, está sendo amplamente utilizada até no âmbito doméstico para facilitar as tarefas mais rotineiras do lar e de uso do dia a dia, como exemplo temos os aparelhos de inteligência artificial de assistente virtual como a Alexa, relógios inteligentes os “smartwatches”, lâmpadas inteligentes, geladeiras inteligentes, sensores de segurança.

A história da inteligência artificial IA, é marcada pelo trabalho pioneiro de Alan Turing, como esclarece Onody¹²(2021) ele formulou o "Teste de Turing" para avaliar a inteligência das máquinas. O referido teste consistia em ter uma pessoa, um computador e um interrogador humano na função de juiz, que permaneciam em salas separadas, podendo comunicar-se unicamente por texto impresso. Sendo que a máquina e o ser humano teriam que manter um diálogo entre si. E diante disso o humano, juiz, deveria fazer a análise do conteúdo com o objetivo de distinguir quem era a máquina e quem era o ser humano. Nesse

¹² Onody, Roberto N. Teste de Turing e Inteligência Artificial. **SEER UFU**. Disponível em: <https://www2.ifsc.usp.br/portal-ifsc/teste-de-turing-e-inteligencia-artificial/>. Acesso em: 07 de mai de 2024.

sentido, Turing já fazia a seguinte pergunta: poderia a máquina imitar o pensamento humano e confundir o juiz?

Logo, o que se buscava com o teste era destacar a diferença na capacidade e no processo de aprendizado entre computadores e seres humanos.

Atualmente podemos dizer que há “tipos” de Inteligências Artificiais podendo ser classificadas como a primeira delas como a IA Focada, na sequência a IA Generalizada e por último e mais atualizada a IA Superinteligente é o que afirma Laudemir¹³ vejamos:

[...]A IA Focada, também conhecida como IA Fraca, consiste de algoritmos especializados em resolver problemas em uma área e/ou um problema específico. Aqui os sistemas armazenam uma grande quantidade de dados e os algoritmos são capazes de realizar tarefas complexas, porém sempre focadas no objetivo para o qual foram desenvolvidos. Os Sistemas Especialistas e Sistemas de Recomendação são exemplos de sistemas de IA focada.

Na IA Generalizada, também conhecida como IA Forte, os algoritmos desenvolvidos se tornam tão capazes quanto humanos em várias tarefas e, em geral, os algoritmos usam técnicas de Aprendizado de Máquina como ferramenta. Em algumas tarefas os algoritmos têm desempenho semelhante aos humanos, por exemplo, em Visão Computacional. O nível atual da IA é de IA Generalizada.

Na IA Superinteligente, os algoritmos são significativamente mais capazes que humanos em praticamente todas as tarefas. Ainda não existem sistemas com IA Superinteligente e não se sabe se existirão sistemas mais inteligentes que os humanos desenvolvidos com técnicas de IA.[...] (Ludermir, 2021, p.85-94).

Assim a IA Fraca é relacionada à construção de máquinas ou softwares, programas, de um ponto de vista inteligente, contudo ainda não incapazes de raciocínio próprio, nesse caso ela precisa de um componente, denominado “motor de inferência”, bem é ele o responsável por fazer o encadeamento das regras e tomar as decisões analisando múltiplas condições pré-estabelecidas pelo programador humano, do tipo de raciocínio lógico: se - então.

Consequentemente, a máquina necessita que os humanos as forneçam tais valores de conhecimento para que o software, o programa consiga dar cumprimento às tomadas de decisões, sendo a IA basicamente uma simulação de inteligência, por não ser de fato inteligente tampouco possuir autoconsciência.

¹³ Ludermir Teresa, Bernarda. Inteligência Artificial e Aprendizado de Máquina: estado atual e tendências. **Revistas USP**. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/185035/171218#toc> Acesso em: 10 de mai de 2024.

Já no caso da IA Forte, esta um pouco mais avançada, segue relacionada à criação de máquinas autoconscientes, ou seja, pensam diferente da IA Fraca, porém ambas simulam o raciocínio do sistema biológico de consciência, a mente humana.

Como exemplo de IA Forte, poder-se-ia ser dado o comando a uma máquina para que no campo artístico escrevesse uma música, esta dotada raciocínio próprio teria consciência do que redigiu e não somente organizaria os signos e as palavras para formar frases que dessem sentido, esta inteligência saberia o porquê de ter manipulado certos símbolos, como os organizou e mais, chegaria até a manifestar suas próprias emoções conscientemente. No último caso de IA Superinteligente, esta, dotada de “autoconsciência” seriam mais capazes que os seres humanos em praticamente qualquer tarefa proposta.

Logo, podemos observar que as classificações mais atuais acerca da IA, se devem ao grau de complexidade e aprendizado, em ambos os tipos estas já impactam nosso cotidiano e continuarão a evoluir, daí também segue a necessidade de amplo estudo, debate e desenvolvimento sobre a IA, pois interferem profundamente em muitas áreas da ciência, representação e tomadas de decisões, suas aplicações são as mais diversas em nossa vida, dos mais simples aos mais complexos como personalização de ensino, transporte, voos, veículos autônomos, pesquisas, robôs domésticos, investimentos, relacionamentos interpessoais entre inúmeros outros empregos de utilizações.

Voltando ao tema de como se estabelecem o sistema de consciência mecânico e o sistema de consciência biológico, John R. Searle ilustra em “O mistério da consciência”(1998):

Imagine que você execute as etapas de um programa elaborado para responder as perguntas em um idioma que você não compreende. Eu não entendo chinês, então imagino que estou trancado em uma sala cheia de caixas com símbolos chineses (a base de dados), recebo uma pequena quantidade de símbolos chineses (perguntas em chinês) e, então, procuro um manual (o programa) o que deveria fazer. Realizo algumas operações com os símbolos de acordo com as regras (i.e., eu executo as etapas do programa) e entrego uma pequena quantidade de símbolos (respostas as perguntas) aos que se encontraram fora do quarto. Eu sou um computador executando um programa para responder perguntas em chinês, mas ao mesmo tempo não compreendo uma palavra de chinês. Este é o cerne da questão: Se não entendo chinês nem ao executar um programa de computador para se entender chinês, tampouco qualquer outro computador digital entende, pois nenhum computador digital tem algo que eu não tenha.(Searle, 1998, p.38).

Diante desse experimento do quarto chinês, John R. Searle argumenta que tais programas são sintáticos e diferentemente das mentes biológicas eles não possuem capacidade semântica, ou seja, semântica é a característica essencialmente ontológica da mente humana, sua alma, subjetiva, seu o algo a mais, sendo uma vantagem sobre o sistema mecânico.

Desta forma, os programas não são mentes por não conseguirem tal grau de compreensão natural que a mente biológica humana é capaz de alcançar, é como John R. Searle traz ao contexto em “O mistério da consciência” (Searle, 1998, p.39): “Minha mente possui mais do que símbolos formais não interpretados: ela possui conteúdos mentais ou semânticos”.

A mente humana vai muito mais além da lógica pura, a mente humana possui características essencialmente dotadas de sentimentos, ampla criatividade e interpretação para a solução de um problema com inúmeros significados semânticos estes que não fazem sentido para um sistema mecânico.

Como exemplo poder-se-ia dizer, quando alguém sente um determinado aroma que remete a determinada situação seja da infância ou da vida adulta, não é simplesmente a composição química do odor ou análise técnica da sua produção, ele vem atrelado de sentimentos e experiências que sintaticamente não faz sentido algum, não são associações meramente mecânicas, John R. Searle, explica em “Mente, Cérebro e Ciência”:

[...] esta característica dos programas, que se definem em termos puramente formais ou sintáticos, é fatal para a concepção de que os processos mentais e os processos de programa são idênticos. E a razão pode formular-se de um modo muito simples. É muito mais complexo ter uma mente do que ter processos formais ou sintáticos. Os nossos estados mentais internos têm, por definição, certos tipos de conteúdos. Se estou a pensar em Kansas City, ou se desejo beber uma cerveja fresca, ou se estou a imaginar que vai haver uma baixa na taxa de juro, em cada caso, o meu estado mental tem um certo conteúdo mental, além de quaisquer estruturas formais que possa ter. Isto é, mesmo se os meus pensamentos ocorrem em séries de símbolos, deve haver algo mais no pensamento do que as séries abstratas, porque as séries por si mesmas não têm qualquer significado. Se os meus pensamentos são *acerca de alguma coisa*, então as séries devem ter um *significado*, que faz que os pensamentos sejam a propósito dessas coisas. Numa palavra, a mente tem mais do que uma sintaxe possui também uma semântica. A razão porque nenhum programa de computador pode alguma vez ser uma mente é simplesmente porque um programa de computador é apenas sintático, e as mentes são mais do que sintáticas. As mentes são semânticas, no sentido de que possuem mais do que uma estrutura formal, têm um conteúdo (Searle, 1984, p. 39).

Não é o caso dizer que máquinas não possam pensar, elas pensam em diferente “modus operandi”, pois como John R. Searle aponta no texto acima a natureza do pensamento humano não está em apenas fazer associação de signos sintaticamente, e os computadores são apenas sintáticos, a mente biológica humana rompe a fronteira de uma estrutura formal, ele é semântica, possui um conteúdo, aparentemente isto pensar para John R. Searle, pois dizer que um programa de computador possa vir a ser uma mente é um extremo equívoco, visto que uma palavra na mente humana tem muito mais do que a sintaxe, possui uma semântica muito evoluída o que a diferencia do sistema mecânico.

Posto isto, sabemos também que o cérebro é uma máquina biológica que pensa, contudo seus processos cerebrais são aqueles de grau menor nas reações químicas e elétricas em grupos neurais sinápticos que são os causadores da consciência. E nesse sentido, John R. Searle comenta no livro “Mente, Cérebro e Ciência” o seguinte:

[...] estes *Inputs* se transformam num meio comum: padrões variáveis e excitação neuronal. Além disso, e igualmente notável, estes padrões variáveis de excitação neuronal em diferentes circuitos neuronais e diferentes condições locais do cérebro produzem toda uma variedade da nossa vida mental. O cheiro de uma rosa, a experiência do azul do céu, o gosto das cebolas, o pensamento de uma fórmula matemática: tudo isso é produzido por padrões variáveis de excitação neuronal, em circuitos diferentes, relativos a condições locais diferentes no cérebro.

[...] Por<<Mente>>, entendo, justamente, as sequências de pensamentos, sentimentos e experiências, quer conscientes, quer inconscientes, que constituem a nossa vida mental [...] (Searle, 1984, p. 14-15).

Ademais de sentimentos e experiências, quer consciente, quer inconsciente, que constituem nossa vida mental, o que se difere da consciência mecânica é também o fato de a consciência em sistema biológico estar carregada do fator emocional semântico, é o caso das excitações neurais como já citado acima, ao perceber o cheiro de uma rosa, a experiência de observar o céu, sentir sabores diferentes e outros que trazem um sentimento de conforto e carinho como um copo de leite quente que nos remete ao cuidado e proteção materna na infância, característica essa não encontrada em sistemas mecânicos, somente a lógica imbuída de linguagem sintática.

Com o fim de exemplificar o que é ter um conteúdo e o que é algo formal John R. Searle ensina em “Mente, Cérebro e Ciência” e elenca algumas razões que devem ser postas à reflexão:

A sintaxe não é suficiente para a semântica. [...] os programas de computador são inteiramente definidos pela sua estrutura formal ou sintática [...] as mentes têm conteúdos mentais; especificamente, têm conteúdos semânticos. [...] (Searle, 1984, p. 48).

As mentes possuírem conteúdos mentais e semânticos, como as emoções, é mais difícil de “simular” em linguagem semântica determinado sentimento como o “amor”, este é um dos sentimentos que possivelmente diferenciará sumamente um sistema de consciência biológico humano de um sistema de consciência mecânico. Visto que a compreensão do amor é complexa e se aproxima de uma infinidade de emoções, seja a alegria, conforto, satisfação, proteção, medo, raiva, ódio entre outras.

É certo que, nos sistemas biológicos há uma forte relação entre afetividade, corporalidade, erros humanos, sua inteligência e capacidade de raciocínio, até mesmo pela própria ontologia que compõe a espécie em grau evolutivo desta humanidade presente.

Em contrapartida a tais atributos observa-se que os sistemas mecânicos possam de fato superar genuinamente a capacidade humana em realização de cálculos, com ínfimos intervalos temporais e outras atividades ligadas a dados sintaticamente organizados.

John R. Searle explica em “O mistério da consciência” no teorema de Gödel sobre da incompletude dos sistemas matemáticos que seres humanos não podem ser “simulados com exatidão e completamente” em um algoritmo, esclarece:

[...] o autor usa uma variação da famosa prova de Gödel para a incompletude dos sistemas matemáticos a fim de tentar provar que não somos computadores e nem podemos ser simulados em computadores. Não só a IA Forte é falsa, mas a IA Fraca também [...].

[...] Alguns programas computacionais tentam imitar traços formais da capacidade cognitiva humana [...].

[...] como qualquer outro computador digital, ele trabalha manipulando símbolos sem significado. O único significado que os símbolos possuem é o que nós, como intérpretes externos, lhes vinculamos [...] (Searle, 1998, p.80-82).

Posto a explicação acima de John R. Searle, é sabido que muito já se produziu em pesquisas, a IA Forte segue em contínua evolução caminhando para uma IA Superinteligente. Mas de fato em um sistema mecânico de consciência os significados dos símbolos são os que nós, intérpretes lhes damos, é crucial ressaltar que mesmo com a mais inovadora e complexa tecnologia, tais sistemas mecânicos são resultados de lógica puramente formais a partir de axiomas.

Logo, nenhum algoritmo consegue por si mesmo dar vida a um sistema, pois os programas não são mentes e por si mesmos e não chegam a ter mentes, nós somos os criativos responsáveis por atribuir valores aos símbolos, é o que lembra John R. Searle também em “Mente, Cérebro e Ciência:

Nenhum programa de computador é, por si mesmo, suficiente para dar uma mente a um sistema. Os programas, em suma, não são mentes e por si mesmos não chegam para ter mentes (Searle, 1984, p. 48).

Não é correto dizer que uma consciência mecânica capaz de pensar é a evolução de uma mente biológica, pois a inteligência capaz de resolver problemas semânticos é humana, “simular” não é “ser”, pois a mente humana sistema natural biológico “É” por ser semântica coisa que a inteligência artificial sistema mecânico “NÃO É” por ser sintática, ou seja, uma mente para John R. Searle é apenas a mente humana.

Igualmente John R. Searle continua a ensinar na obra “Mente, Cérebro e Ciência” e compromete-se com a seguinte conclusão:

Para qualquer artefato que pudéssemos construir, o qual tivesse estados mentais equivalentes aos estados mentais humanos, a realização de um programa de computador não seria por si só suficiente. Antes, o artefato deveria ter poderes equivalentes aos poderes do cérebro humano. [...] O resultado dessa discussão é, creio, lembrar-nos de algo que já sabemos há muito: a saber, os estados mentais são fenômenos biológicos. A consciência, a intencionalidade, a subjetividade e a causação mental fazem todos parte da nossa história vital biológica, juntamente com o crescimento, a reprodução, a secreção da bÍlis e a digestão (Searle, 1984, p. 51).

Com a conclusão trazida acima por John R. Searle, segue-se portanto, mais uma vez evidenciar que o sistema mecânico não poderá produzir consciência tal qual é realizado pelo cérebro humano, cuja sua causação mental é proveniente da própria natureza biológica do órgão.

Durante todo itinerário da pesquisa nas obras citadas de John R. Searle como as principais fontes e as demais como fontes auxiliares, foi nos possível perceber um consenso harmônico de seu pensamento na defesa da mente humana, John R. Searle deixa claro em seu livro “O mistério da consciência” (Searle, 1998, p.204): “Acredito que a importância filosófica dos computadores, como é típico em qualquer tecnologia nova, é útil e ponto final”.

O sistema mecânico tem seu valor, contudo há grande diferença entre este sistema de mecânico e o sistema biológico, pois para ele realmente possui consciência o sistema biológico, por este possuir intencionalidade, subjetividade e estados mentais.

Aquele que se propõe a pesquisar a natureza da mente humana deve buscá-la efetivamente onde há artifícios que possam indicar possíveis soluções à compreensão do que ela é, bem como compreender o que ela não é e também como se estabelece a consciência, e ainda, qual seria o papel do órgão cérebro nesse processo sob a luz da ciência e investigação.

Ainda na obra “A redescoberta da mente” John R. Searle faz uma excelente reflexão:

Como o bêbado que perde as chaves do carro no matagal escuro, mas procura por elas sob a luz da rua, “porque a iluminação é melhor aqui”, tentamos descobrir de que forma os seres humanos poderiam assemelhar-se a nossos modelos computacionais, em vez de tentar decifrar como a mente humana efetivamente funciona. (Searle, 2006, p.353-354).

John R. Searle faz uma analogia com o fim de criticar a abordagem prática predominante de pesquisa e estudos em filosofia da mente e áreas afins, ele esclarece que a abordagem atual de pesquisa, pode ser comparada a situação de alguém embriagado que perde suas chaves do carro em um matagal escuro, contudo ao invés de buscar onde perdeu, vai procurar onde não perdeu e está tudo iluminado, na rua por ser de melhor visibilidade. É contraproducente e ilógica tal postura daqueles pesquisadores que tendem a compreender a mente humana modelando-a com base em sistemas computacionais, em vez de estudar como a mente realmente funciona e estabelece a consciência.

Posto todo o supracitado, sabemos, portanto que um computador é uma máquina que manipula símbolos logicamente, para John R. Searle um sistema mecânico não tem a capacidade semântica por si só de interpretar e dar significância subjetiva autônoma a um determinado símbolo tal qual é natural para um sistema biológico de consciência, neste caso a mente humana, passemos então às em considerações finais pelo todo exposto desde o início deste trabalho.

6. Considerações Finais

Durante todo o percurso do trabalho nas sessões anteriores, foi possível verificar que existe de fato um problema na compreensão da natureza da mente humana, como se relacionam mente e cérebro bem como no estabelecimento da consciência.

Foram apresentados alguns dos conceitos de dualismo, monismo, o papel que a consciência ocupa na teoria de John R. Searle, e diante do arcabouço filosófico apresentado observamos um forte embate intelectual com duras críticas face à teoria que Dennett apresenta, a explicação mecânica da consciência.

Retomando um ponto muito importante, é que para entender o pensamento de John R. Searle necessitamos compreender a linguagem que melhor consegue descrever os elementos a serem estudados, pois a estrutura lexical utilizada por diversos autores traz confusão e não compreensão, é o que ele aponta. Por isso foi necessário expor com maior clareza os conceitos de monismo e dualismo já no início da pesquisa, para só então prosseguir com o estudo do tema e após termos compreendidos melhor tais conceitos, ficou claro entender o papel que a consciência ocupa, bem como a tese do naturalismo biológico como argumento antagônico ao sistema mecânico de consciência, neste caso a tese de Inteligência Artificial Forte, IA - Forte, que com maestria John R. Searle contra argumenta reafirmando que o naturalismo biológico é mais adequado para solução do problema mente-cérebro e estabelecimento da consciência, bem como a proeminência de um sistema biológico fechado se comparado a um sistema mecânico quando o tópico é ser consciente.

Em considerações finais, há muito a ser pesquisado e desenvolvido no campo de estudos da filosofia da mente bem como das áreas afins, ser um pesquisador nesta área não é uma tarefa de fácil compreensão, visto se tratar de um tema de grande complexidade, pois entender o processo que ocorre no interior da natureza da mente humana é de extrema importância, não se trata de estudar uma coisa qualquer, ao contrário faz-nos voltar à nossa essência e constituição como ser, preservando aquilo que somos, humanos, a fim de não nos tornarmos outra coisa, nos mantermos humanos como somos, extremamente capazes e inundados de subjetividade, cientes que mesmo diante dos avanços tecnológicos como criação de redes neurais híbridas compondo sistemas mecânicos e biológicos, ainda com o progresso da inteligência artificial, esta continuará a ser um simulacro daquilo que ela não é, possivelmente não terá a mesma natureza da mente humana.

Diante do todo exposto, fica a reflexão face ao problema da compreensão da natureza da mente humana, da relação entre mente e cérebro, da necessidade de optar por termos mais concisos para realizar a pesquisa dos quais foram apresentados alguns no dualismo e no monismo, do papel que a consciência ocupa na teoria de John R. Searle, bem como a consciência emerge e se sustenta em sua teoria, também as críticas ao sistema mecânico de Dennett, a partir das considerações do autor escolhido como fundamento para esta pesquisa, John R. Searle, isto porque a natureza da mente humana merece ser considerada um elemento filosófico.

7. Referências bibliográficas

BARTOSZECK, F. K. Tipos de Dualismo na Filosofia da Mente. Rede Psi. 2006, Disponível em: <https://www.redepsi.com.br/2007/06/08/tipos-de-dualismo-na-filosofia-da-mente>. Acesso em: 29 de mar. de 2024.

CRESPI, L. .; Noro, D. .; Nóbile, M. F. . Neurodesenvolvimento na Primeira Infância: aspectos significativos para o atendimento escolar na Educação Infantil. Ensino em Revista, [S. 1.], v. 27, n. Especial, p.1517–1541, 2020. DOI: 10.14393/ER-v27nEa2020-15. Disponível em:<https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/57449>. Acesso em: 10 abr. 2024.

CHURCHLAND, P. Matéria e Consciência: uma introdução contemporânea à filosofia da mente. Trad. Cescato. Maria Clara. 1ª Ed. São Paulo: Unesp, 2004.

GREGÓRIO, S. Dicionário Filosófico SBG, Monismo. SBG Filosofia. Disponível em:<https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/monismo> Acesso em: 29 de mar. de 2024.

ISKANDAR, J.; CANDIOTTO, K. Influências do Dualismo Cartesiano e do Materialismo na Educação Tecnicista Brasileira: uma abordagem a partir da filosofia da mente de John Searle. Avaliação (Campinas), Sorocaba, v. 07, n. 03, p. 37-50, set. 2002.

KUHN, T. S. O Caminho Desde a Estrutura. Trad. C. Mortari. São Paulo: Unesp, 1981, a, p.42, 2006.

_____. O Caminho Desde a Estrutura. Trad. C. Mortari. São Paulo: Unesp, 1989, a, p.82, 2006.

LALANDE, A. Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia / André Lalande; Trad. Fátima Sá Correia, et al.J. 1ª edição brasileira. São Paulo: Martins Fontes, abril de 1993. p.195-197.

LUDERMIR, T. Inteligência Artificial e Aprendizado de Máquina: estado atual e tendências. Revistas USP. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/185035/171218#toc> Acesso em: 10 de mai de 2024.

MARIANO, M. O que é Monismo Materialista na Filosofia. Estoico Viver. 2024. Disponível em: <https://estoicoviver.com/glossario/o-que-e-monismo-materialista-na-filosofia/> Acesso em: 09 de abr. de 2024.

MILINARI, F. Kill, T. É possível conciliar o Dualismo de Propriedades com o Materialismo? Uma Abordagem sobre duas possíveis soluções ao problema mente-corpo. Periódicos UFMG. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistacontextura/article/view/3818>. Acesso em: 29 de mar. de 2024.

ONODY, R. Teste de Turing e Inteligência Artificial. SEER UFU. Disponível em: <https://www2.ifsc.usp.br/portal-ifsc/teste-de-turing-e-inteligencia-artificial/>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

PRATA, T. É incoerente a concepção de Searle sobre a consciência? Manuscrito, SCIELO. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/man/a/P5X3LnSdyd8gFgm8X3YxYnj/?lang=pt#> Acesso em: 29 de mar de 2024.

SEARLE, J. A Redescoberta da Mente. Trad. Eduardo Pereira e Ferreira. 2ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

_____. O Mistério da Consciência; discussões com Daniel C. Dennet e David J.Chalmers / Jonh R. Searle. Trad. André Yuji Pinheiro Uema e Vladimir Saflate. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1998.

_____. Mente, Cérebro e Ciência. Trad. Artur Morão. Lisboa: Editora Edições 70, 1984.